

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Adriana da Cruz Teodoro Franck

**CAUSOS E LENDAS: UMA VIAGEM PELO IMAGINÁRIO DE
CONGONHAS**

Belo Horizonte

2012

Adriana da Cruz Teodoro Franck

CAUSOS E LENDAS: UMA VIAGEM PELO IMAGINÁRIO DE CONGONHAS

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Patrimonial.

Orientadora: Soraia Freitas Dutra

Belo Horizonte

2012

Adriana da Cruz Teodoro Franck

CAUSOS E LENDAS: UMA VIAGEM PELO IMAGINÁRIO DE CONGONHAS

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Patrimonial.

Aprovado em 26 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Soraia Freitas Dutra – Faculdade de Educação da UFMG

Mônica Meyer – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

Frente ao avanço da modernidade e à crescente despreocupação para com os acontecimentos do passado, nasce a necessidade de repensar o patrimônio imaterial na tentativa de resguardá-lo da iminente perda. Assim, realizou-se um levantamento das lendas existentes em Congonhas com o intuito de salvaguardá-las do esquecimento e aproximá-las da temática da sala de aula, visto que o trabalho didático desenvolvido nas escolas quase sempre se realiza de forma distanciada do contexto sociocultural do educando. Desta forma, os professores terão acesso a lendas locais e poderão utilizá-las como apoio pedagógico, auxiliando no fortalecimento de uma consciência cultural, de um sentimento de pertencimento à terra.

Palavras-Chave: patrimônio imaterial – apoio pedagógico- consciência cultural

SUMÁRIO

1. MEMORIAL DE PERCURSO.....	07
2. PROJETO DE TRABALHO.....	12
2.1. Apresentação do tema.....	12
2.2. Problemas de pesquisa.....	12
2.3. Objetivos.....	13
2.4. Justificativa.....	13
2.5. Descrição do produto pedagógico.....	19
3. O Produto Pedagógico.....	20
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS.....	56

1. MEMORIAL DE PERCURSO

Desde quando iniciei uma reflexão sobre meu passado e a consequente escrita de meu memorial, o que aparece mais vívido em minha memória são os momentos passados na casa de meu avô, localizada no município de Entre Rios de Minas, em uma localidade rural. Ali, a imensa família, composta pelos vinte filhos e mais uma porção de netos, sentava na cozinha da singela casinha de pau-a-pique, ao redor de um amontoado de brasas dispostos no chão de terreiro batido. Eram imensos e intermináveis os casos, as tenebrosas histórias de assombrações, algumas inventadas, outras repassadas de geração para geração. Casos misteriosos que, para se tornarem mais verossímeis, sempre eram vivenciados por algum conhecido ou até mesmo por meu próprio avô. Lembro-me, ainda criança, adentrávamos noite afora envolvidos pela magia daquele instante, hipnotizados pelo suspense incomparável que advinha da voz de meu avô.

Nessa época a proximidade entre as pessoas era imensa, havia uma preocupação com o outro, com as coisas simples da vida. Havia tempo para o bate papo, para as muitas histórias que foram, aos poucos, repassando saberes, constituindo identidades. Ali, ao invés de sentarmos ensimesmados em nós mesmos, em frente a uma fria tela de televisão, absorvendo culturas alheias, preferiríamos reunir com a família para dar gargalhadas, contar como foi o dia, jogar conversa fora ou coisa parecida.

Hoje, apenas me restam essas lembranças agradáveis, pois meu avô faleceu há algum tempo e, com ele, foram-se aquelas mágicas noites. É penoso reconhecer minha completa ignorância frente à riqueza de suas histórias, transmitidas através de uma simplicidade característica, impregnadas das heranças de seus antepassados.

Bartolomeu Campos Queirós, em seu livro *Por parte de pai*, também nos transmite essa preocupação com a perecibilidade do tempo durante uma conversa entre avô e neto,

O tempo tem uma boca imensa. Com sua boca do tamanho da

eternidade ele vai devorando tudo, sem piedade. O tempo não tem pena. Mastiga rios, árvores, crepúsculos. Tritura os dias, as noites, o sol, a lua, as estrelas. Ele é o dono de tudo. Pacientemente ele engole todas as coisas, degustando nuvens, chuvas, terras, lavouras. Ele consome as histórias e saboreia os amores. Nada fica para depois do tempo. As madrugadas, os sonhos, as decisões, duram pouco na boca do tempo. Sua garganta traga as estações, os milênios, o ocidente, o oriente, tudo sem retorno. E nós, meu neto, marchamos em direção à boca do tempo. (QUEIRÓS, 1995, p.71, 72)

Assim, sempre ao presenciar o falecimento de algum velhinho, me lembro com saudade de meu avô e das histórias e causos levados por ele e, também, por todos os avôs espalhados por distintos lugares. Imagino o quanto de sabedoria vira pó juntamente com a morte de um velhinho. Essas adoráveis criaturas que possuem a importante missão de transmitir para seus jovens descendentes um pouco de sua história, de ajudá-los a compreender, sob a perspectiva do passado, o presente. Nesse caso o velho se transfigura na personificação da memória de um povo, é o guardião dos costumes, das histórias, da cultura, enfim é ele que irá fazer a ponte entre o passado e o presente. É através de suas histórias, muitas vezes relatos de experiências de vida, que as novas gerações constroem e reconstróem significados para sua existência, formando assim, identificações tão importantes para a valorização de uma cultura.

De acordo com M. Chauí a "memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais." (CHAUÍ, 2005, p. 138).

Desta forma, ao transformar-me na educadora de hoje, penso em meu dever de fazer algo em prol das histórias orais, integrantes primordiais do fugaz patrimônio oral, hoje denominado patrimônio imaterial, constituinte da identidade de um determinado povo, suas mediações sociais ocorridas em um determinado espaço e tempo. Segundo Regina Abreu e Mário Chagas,

A arena do patrimônio cultural no Brasil está vivendo um momento especialmente fértil. Com a aprovação do Decreto 3551, de 4 de agosto de 2000, que instituiu o inventário e o registro do denominado "patrimônio cultural imaterial ou intangível", descortinou-se um panorama que alterou radicalmente a correlação de forças até então vigente. Se durante décadas predominou um tipo de atuação

preservacionista, voltada prioritariamente para o tombamento dos chamados bens de pedra e cal — igrejas, fortes, pontes, chafarizes, prédios e conjuntos urbanos representativos de estilos arquitetônicos específicos —, o referido decreto pôs em cena uma antiga preocupação de alguns intelectuais brasileiros, entre os quais se destacou Mário de Andrade, qual seja, a de valorizar o tema do intangível, contribuindo social e politicamente para a construção de um acervo amplo e diversificado de expressões culturais, em diferentes áreas: línguas, festas, rituais, danças, lendas, mitos, músicas, saberes, técnicas e fazeres diversificados. (ABREU, CHAGAS, 2003, p.13)

Aqui a palavra patrimônio aparece impregnada da noção de pertencimento e sua compreensão está atrelada à vida social e cultural de uma determinada sociedade, aos sentimentos relacionados a determinado bem, seja material ou imaterial. Desta maneira, podemos perceber que algo se constitui enquanto patrimônio mediante os olhos do presente, do conhecimento que na atualidade possuímos em decorrência de vivências e experiências de mundo.

E é exatamente com esse olhar, impregnado da necessidade de preservar as memórias, que me volto para a cidade onde hoje vivo. A cidade que me transformou na educadora que sou. Congonhas, conhecida mundialmente pelas obras do Mestre Aleijadinho, mas que antes de tudo é a cidade dos antepassados, das rotas do ouro, das famílias oriundas de diversos lugares, que chegaram atraídos pela exploração das riquezas minerais. É importante percebermos que, com essas famílias, vieram também seus costumes, suas crenças, suas tradições, que se incorporaram a tantas outras, constituindo, assim, uma nova identidade, única e intransferível, a identidade do povo de Congonhas.

Minha cidade possui uma riqueza cultural muito grande, cuja falta de interesse ou conhecimento de muitos está se perdendo, esvaindo com o tempo. É comum ouvirmos dos moradores antigos lendas e causos, repassados através dos tempos e, que agora, estão quase silenciados, pois não há uma preocupação em resguardar e preservar tal patrimônio. A proposta é justamente essa, recuperar, através do contato com a população idosa, esse valiosíssimo patrimônio, tão descuidado. A preocupação em se fazer um registro de tais histórias para que elas fiquem resguardadas da ação do tempo.

É interessante refletirmos, na irreversibilidade do tempo, as relações estabelecidas com o patrimônio não são as mesmas de décadas atrás. Assim, jamais poderei ouvir novamente as histórias de meu avô ao redor de uma fogueira, contudo poderei ler em um livro, contar para minhas futuras gerações ou para meus alunos, que também trarão diferentes relações com esse mesmo bem. Isso porque o tempo, as pessoas e o próprio patrimônio estão em constante transformação, não são objetos estáticos. E, ao nos reportarmos ao patrimônio oral, as transformações são mais drásticas ainda, pois vão sofrendo todo tipo de interferência, seja por parte de cada indivíduo que transporta para as histórias um pouco de si, seja em decorrência da ação do tempo, que vai apagando boa parte das histórias e, nesse caso, o que nos resta são fragmentos de memória. Segundo Ecléa Bosi,

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as preocupações imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p. 47)

É preocupante quando olho para as novas gerações e vejo sujeitos desinteressados e sem nenhuma referência de seus antepassados. Pessoas que andam sempre apressadas, sem tempo para ouvir, para ver o outro. Pessoas preocupadas com a globalização, com as inúmeras inovações tecnológicas, com a moda... Percebo que não posso cruzar os braços, aprendi isso com meu avô e faço questão de honrar sua memória e a dos vários avôs. Tenho o compromisso de resgatar o passado e transportá-lo para o presente, para despertar nas crianças e adolescentes o apreço pela sua história, pelas suas raízes. Possibilitar-lhes um contato direto com as culturas populares para que compreendam seu verdadeiro sentido e real importância.

Hoje, ao trabalhar com alfabetização e perceber o quão importante é a oralidade para a construção da escrita, possuo uma maior convicção de que estou no caminho certo. Minha proposta é aliar essa oralidade à história de vida de cada um e trabalhar com as crianças a partir de suas vivências, de uma cultura própria e não da importação de algo estranho à sua realidade, ao seu modo de ver e perceber o mundo. Fazer com que o processo ensino-aprendizagem transpasse as barreiras da sala de aula e atinja um aspecto em

que a leitura e a escrita façam sentido para o aluno, constituindo assim o almejado letramento.

O interessante é que, enquanto educadora, me disponha a apresentar para meus alunos as histórias locais, as lendas que fazem parte de sua realidade, de sua identidade e não de culturas distantes. Esse é o uso que pretendo fazer no presente desse riquíssimo bem, acompanhado de uma revalorização da cultura local, das lendas existentes em Congonhas e que estão se perdendo com o decorrer do tempo. Com certeza as lendas compreendem uma valiosíssima ferramenta para o conhecimento e estudo de uma determinada cultura, pois guardam saberes coletivos de variadas gerações. Trata-se de cultivar no presente para colher nas futuras gerações o apreço e o zelo pelos bens de seus antepassados, a compreensão da ideia de pertencimento, formando uma autoconsciência cultural.

2. PROJETO DE TRABALHO

2.1. Apresentação do tema

O presente trabalho visa desenvolver uma pesquisa sobre as lendas existentes em Congonhas e será realizado dentro de uma perspectiva da educação ambiental e patrimonial.

Desta forma, iniciaremos uma viagem pelo imaginário, adentrando nos sinuosos caminhos de Congonhas, percorrendo vielas, becos, ruas de pedra, de pedra sabão. Observando, espiando pelas frestas das janelas, papeando com os moradores, enquanto saboreamos um delicioso café, acompanhado de uma típica broa de fubá. Procurando, nas entranhas da cidade, as peculiaridades que se escondem por detrás da história. Nesse ponto, nos atentaremos às minúcias de uma história que se constrói através dos singelos relatos de vida, dos causos contados ao redor da fogueira, das lendas de assombrações. Esses detalhes, mínimos, porém detentores de um significado imensurável constituem a história de um povo, construída a partir das vivências várias. Assim, através da entrevista com os moradores antigos e pesquisa em documentos históricos, será realizada a garimpagem das lendas e causos da cidade, buscando uma maior aproximação dos moradores com sua cultura oral.

2.2. Problemas de pesquisa

O trabalho de garimpo sobre as lendas de Congonhas surge da necessidade em preservar nossa rica cultura da ação do tempo e do descaso das novas gerações.

Apesar da importância e reconhecimento do rico patrimônio material existente em Congonhas, ainda falta um olhar mais cuidadoso para com o patrimônio intangível. É preciso que a população congonghense tome consciência de que a valorização do patrimônio é um primeiro passo para torná-lo um instrumento de desenvolvimento cultural.

Nesse ponto, é imprescindível que as escolas fomentem ações no intuito de

promover uma aproximação entre a população e sua história. O trabalho de revitalização das lendas e causos locais merece sincero apreço, pois se constitui de narrativas simples, de cunho popular e imensurável valor histórico. São histórias que transitam no tempo e no espaço, conseguem unir gerações e povos por se conceberem a partir das vivências individuais e coletivas, da tentativa de explicar o sobrenatural. E, acima de tudo, nos reporta a algo esquecido nos tempos atuais que é a magia de contar e ouvir histórias. Assim nossos alunos terão oportunidade de conviver com suas raízes históricas por meio da divulgação das lendas locais em nossas escolas.

2.3. Objetivos

2.3.1. Objetivo Geral

Realizar uma pesquisa sobre causos e lendas, entre os habitantes de Congonhas, buscando documentar as memórias e vivências dos antigos moradores, por meio das lendas locais.

2.3.2. Objetivos Específicos

- Investigar o patrimônio intangível existente na cidade de Congonhas através da identificação, dentre os moradores da cidade, os conhecedores das lendas e causos;
- Levantar as principais lendas locais através de entrevista com tais moradores;
- Contribuir para uma conscientização da importância do trabalho com lendas locais para a formação cultural da população;
- Contribuir para o registro e divulgação das lendas locais.
- Confeccionar um livro com as lendas coletadas para apoio pedagógico destinado aos alunos e professores das redes de ensino local.

2.4. Justificativa

Todas as vezes que é mencionada a palavra patrimônio, a maioria das pessoas logo imagina maravilhosas construções remanescentes de séculos anteriores,

ou igrejas suntuosas, ou até mesmo ruínas do que foi um dia algo construído pelos escravos, enfim, tudo aquilo que nos remete a um passado remoto. São inumeráveis os bens de pedra e cal, mais conhecidos como patrimônio material, que, inevitavelmente, um grupo de pessoas abraça e toma como propriedade que precisa ser resguardada e, assim, denominam patrimônio, quer seja pessoal ou coletivo.

Desta maneira, se torna necessário fazermos uma reflexão sobre os usos e ocupações do espaço em um determinado lugar, pois o espaço, como entidade filosófica, não tem concretude. Ele se constitui em tudo que nos cerca e, conseqüentemente, é produzido através de nossas ocupações. O espaço, desta forma, está ligado à atividade que a sociedade desempenha. É o lugar das mediações sociais. Ele é produzido em função de uma cultura, da religiosidade, da relação que se estabelece com a natureza e consigo mesmo.

Assim, a noção de patrimônio vem interligada à ideia de pertencimento e oferece uma compreensão da vida social e cultural de uma sociedade. O patrimônio é a extensão moral e inseparável de seus proprietários. Ao compreendermos a noção de patrimônio de uma determinada aglomeração humana, fazemos um acompanhamento para verificar permanências e transformações, uma forma de criar uma autoconsciência cultural. Desta forma, a ideia de preservação patrimonial surge a partir do sentimento de perda, de extinção. As pessoas somente se mobilizam para preservar algo quando quase a perderam, quando sua memória se sente ameaçada.

Não acontece diferente com a cidade de Congonhas. Conhecida mundialmente através de suas inumeráveis obras artísticas do período barroco e do estilo rococó realizadas por diversos artistas conhecidos mundialmente, tais como Antônio Francisco Lisboa, mais conhecido como mestre Aleijadinho e do pintor Manuel Athaíde. São inumeráveis os estudos realizados sobre o patrimônio material, adornado pelas figuras dos profetas de Congonhas, das igrejas históricas, da ladeira de pedra sabão, enfim a cidade é berço de um tesouro que o mundo inteiro reconhece e afirma como patrimônio cultural da humanidade.

Em contrapartida, há uma parte de Congonhas, que se identifica como patrimônio imaterial, relegada ao esquecimento. É a parte que permeia as memórias de um povo, de sua sabedoria popular, de suas tradições, que formam a cultura identitária da população da cidade. Essa parcela do patrimônio é composta por um tesouro, não muito reconhecido pela própria população, que está se apagando devido à falta de interesse de alguns. Congonhas abriga um valiosíssimo tesouro pertencente ao povo que são as lendas e os causos circulantes entre os moradores mais antigos.

Vale aqui refletir sobre o fato de que há uma história oficial, regida pelos feitos importantes e suas respectivas datas, que toda pessoa ao ingressar na escola é obrigado a decorar e saber na ponta da língua. Há, também, outras histórias, pertencentes a cada ser humano, construídas ao longo da vida, através de suas relações com o ambiente que os cerca. Essas histórias não merecem menos importância que a primeira, pois é através delas que compreendemos a atualidade, é das relações que as pessoas estabelecem entre si e com as coisas ao seu redor, que se constitui a história da humanidade.

Assim, o ser humano necessita estar em constante interação com o outro, precisa estabelecer comunicação, relatando para outros sua vivência, sua concepção de vida. Uma forma de comunicação mais utilizada entre os humanos é a fala. A fala aproxima as pessoas e se constitui em algo vivo, pois é através dela que a história de cada um vai se perpetuando.

O ato de contar uma história faz com que as pessoas envolvidas na ação, o falante e o ouvinte, se posicionem em um mesmo campo de significados. O momento que permeia a contação de causos se materializa em um instante mágico, pois se faz mediante a junção de tempos, de gerações que se mesclam em função da compreensão dos fatos narrados. Há a fruição do imaginário tanto por parte de quem conta, quanto por parte de quem ouve, em uma completa reintegração e reinterpretação da narrativa. Para relatar algo ocorrido consigo, a pessoa necessita, anteriormente, lembrar. E, essa busca à memória remete a novas relações e significados diferentes, adquiridos através das variadas vivências e inter-relações frequentes no cotidiano. Assim, Ecléa Bosi nos afirma,

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, p.55)

Desta forma, pensou-se em fazer uma coletânea das lendas e causos existentes em Congonhas através de uma entrevista com a população mais idosa, visto que fazem parte de uma geração com costumes e crenças diferentes dos jovens que habitam a contemporaneidade. São os velhinhos que nos transpassam seus saberes, sua cultura, tradição e cabe a nós não deixar que isso se perca com o tempo.

Considerando que a discussão sobre a concepção de patrimônio vem sofrendo alterações nas últimas décadas, não há mais como ignorar as tradições e costumes que constituem a identidade de um povo. Assim, desde 1988, a constituição Federal, em seu artigo 216, identifica como patrimônio cultural brasileiro,

Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I. as formas de expressão;
 - II. os modos de criar, fazer e viver;
 - III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
 - IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
 - V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.
- (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988, p.107)

Desta forma, o presente projeto visa contribuir para a preservação da tradição oral do povo congonghense, no que tange à transmissão de causos e lendas típicos da localidade, se funda na necessidade de resguardar esse tesouro da ação devastadora do tempo, das transformações sociais e do alheamento das novas gerações que desconhecem o valiosíssimo patrimônio que possuem. Pretende ressaltar, por meio de atividades desenvolvidas na escola, o direito à

memória que possuem os grupos humanos e enfatizando a importância da preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural.

O que necessitamos, enquanto educadores é fugir do velho e falso discurso de formar cidadãos críticos e participativos. Precisamos, sim, é assumir, enquanto profissionais da educação, a postura de verdadeiros cidadãos críticos e participativos, efetivamente atuantes em nossa profissão, preocupados com a boa formação moral, intelectual e social de nossos alunos. Precisamos reconhecer e defender o direito à memória que possuem os grupos humanos e fazer valê-los a partir da consciência do papel de guardiões do próprio patrimônio. Despertando nas crianças e adolescentes o zelo pela história de seus antepassados, pelas suas raízes. Criando, através dos causos e lendas, a consciência da intercomunicabilidade da história, como testemunho de vivências de gerações passadas para a compreensão do mundo atual. Possibilitar-lhes um contato direto com as culturas populares para que compreendam seu verdadeiro sentido e real importância.

Assim, primeiramente, realizou-se um levantamento dos documentos existentes na cidade com a finalidade de identificar prováveis registros sobre os causos e as lendas circulantes no município. Em seguida foi feito um levantamento dos prováveis sujeitos a serem entrevistados, os guardiões dos causos e lendas. Logo após a coletânea das lendas, aconteceu a transcrição das mesmas para a montagem do livro que servirá como material pedagógico nas escolas. Constituindo uma forma de se apoderar dos causos e lendas e utilizá-los no espaço escolar com a possibilidade de repensar a sociedade em que vivemos e o papel que cada indivíduo desempenha neste contexto.

É imprescindível que todo educador reflita sobre sua prática pedagógica e a torne mais voltada para a realidade do aluno, desenvolvendo um ensino que valorize o outro e sua cultura. Através da revitalização dos causos e lendas, estaremos contribuindo para o enriquecimento e valorização da cultura popular, despertando nas futuras gerações um sentimento de pertencimento ao lugar, o surgimento de uma identidade cultural. A relevância da pesquisa, portanto, está na possibilidade de levar ao conhecimento dos profissionais da educação e a quem possa interessar pressupostos metodológicos que contribuirão para o

conhecimento da cultura remanescente do povo.

Segundo Gadotti,

a diversidade cultural é a riqueza da humanidade. Para cumprir sua tarefa humanista, a escola precisa mostrar aos alunos que existem outras culturas além da sua. Por isso, a escola tem que ser local, como ponto de partida, mas tem que ser internacional e intercultural, como ponto de chegada. (...) Escola autônoma significa escola curiosa, ousada, buscando dialogar com todas as culturas e concepções de mundo. Pluralismo não significa ecletismo, um conjunto amorfo de retalhos culturais. Significa sobretudo diálogo com todas as culturas, a partir de uma cultura que se abre às demais.(GADOTTI, 1992, p.23)

Desta forma, falar de identidade cultural é mais complicado do que parece, não compreende apenas a mera consideração dos costumes atuais e sim pesquisar os primórdios de determinada sociedade enquanto representantes de uma cultura veiculada aos modos de vivências de seus antepassados. Uma compreensão da história e da memória de um lugar, pois para proteger é preciso conhecer. Há que se buscar a razão do por que preservar, atrelando à pergunta o objetivo de uma melhora da qualidade de vida da comunidade, o que implica em bem estar material, espiritual e garantia do exercício da memória e da cidadania. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases,

Educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizacionais da sociedade civil e nas manifestações culturais. (LDB, 1996)

Desta forma, o livro de causos e lendas de congonhas será um forte aliado do professor na sala de aula, auxiliando-o no desempenho de um ensino voltado para uma temática local. Conseqüentemente, o professor, seja em qual série atue, imbuído da consciência do quão importante é a oralidade para a construção da escrita, alie à história de vida de cada um o estudo de sua cultura local e não da importação de algo estranho à sua realidade, ao seu modo de ver e perceber o mundo. Fazer com que o processo ensino-aprendizagem transpasse as barreiras da sala de aula e atinja um aspecto em que a leitura e a escrita se torne representativa para o aluno. Um ensino acompanhado de uma revalorização da cultura local e do fortalecimento de uma autoconsciência cultural.

2.5. Descrição do produto pedagógico

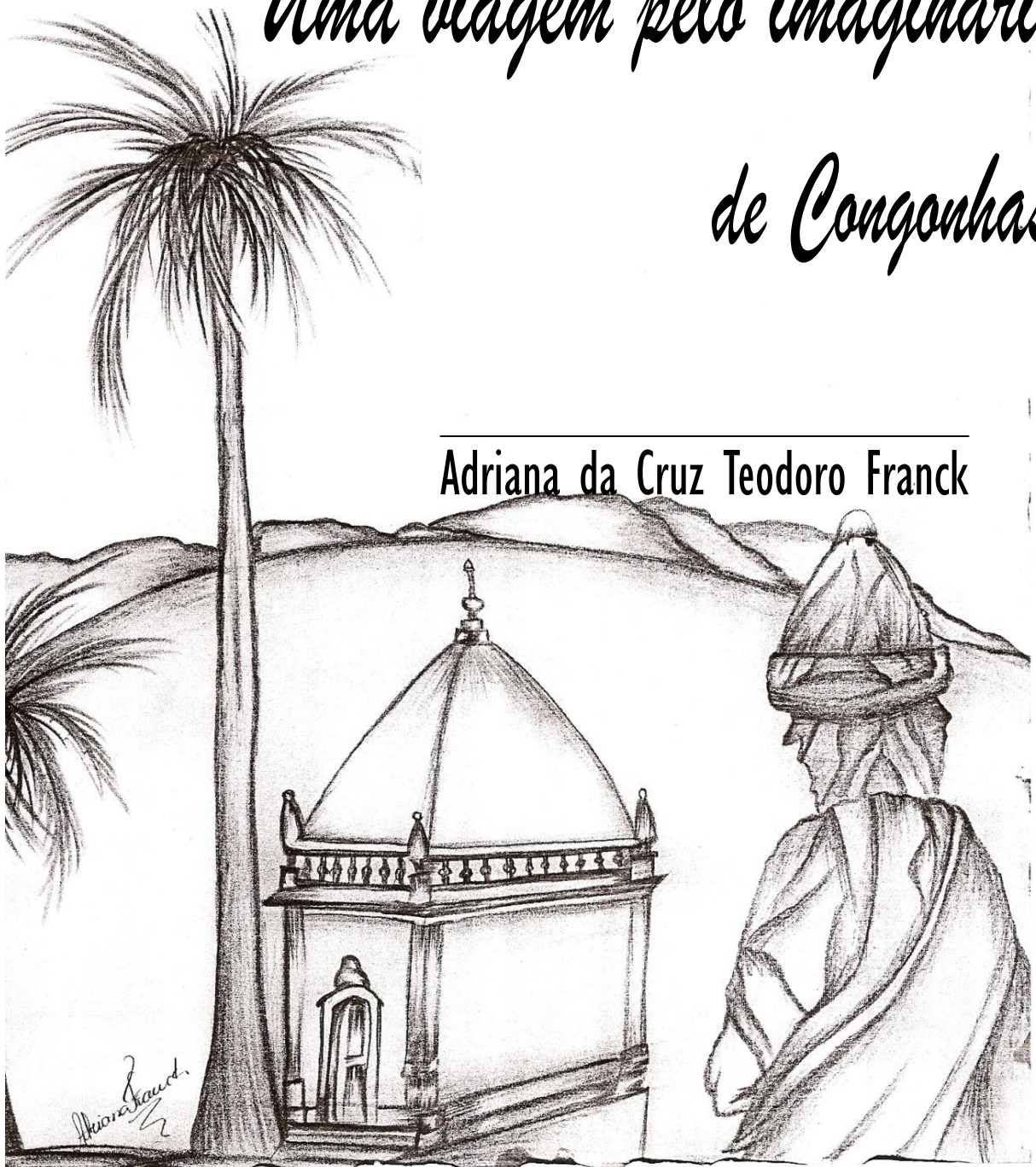
O produto pedagógico aqui idealizado é a confecção de um livro de causos e lendas, reunindo as narrativas coletadas através de entrevistas realizadas com os moradores de Congonhas. Tal produto se faz necessário por constituir-se em um rico material pedagógico a ser utilizado nas escolas e, também como instrumento de perpetuação do patrimônio oral, tão intenso na cidade.

3 - O PRODUTO PEDAGÓGICO

CAUSOS E LENDAS:

*Uma viagem pelo imaginário
de Congonhas*

Adriana da Cruz Teodoro Franck



CAUSOS E LENDAS:

*Uma viagem pelo imaginário
de Congonhas*

Adriana da Cruz Teodoro Franck

*Aos guardiões da memória de Congonhas
que compartilharam sua sabedoria,
seus conhecimentos e seu precioso tempo.*

Índice

Apresentação	24
Depoimento de D. Margarida	25
Mula sem cabeça	28
Procissão das Almas	29
Lenda do Barão de Congonhas	31
O vizinho do lobisomem	32
O fantasma do Murtinho	35
Um caso muito misterioso	36
A mulher da trouxa de roupa	38
O lobisomem	41
O homem que virava porco	43
O marido que virava porco	45
O pote de ouro	46
Beco das padiolas	49
O homem que não tinha medo de assombração	50
A árvore do óleo	52
As cruzes dos ciganos	54

Apresentação

A viagem pelo imaginário de Congonhas inicia-se quase que imperceptivelmente, esgueirando-se pelas entranhas da cidade, subindo serras, cruzando caminhos, explorando ruas, becos e vielas. Procurando compreender, nas entranhas da cidade, as minúcias de uma história que se faz a partir dos relatos de vida, dos causos, das lendas transmitidas por gerações. Percorrendo trajetos de uma cidade que é construída a partir dos caminhos do ouro, das rotas das escavações, da fé e religiosidade de seu povo que foi chegando de outras bandas e aqui firmando suas raízes, constituindo, aos poucos, bem de mansinho, a cidade que hoje se denomina Congonhas.

Uma Congonhas bem peculiar, das obras sacras do mestre Aleijadinho, do minério de ferro, de gente forte, trabalhadeira, hospitaleira. Congonhas das várias histórias, dos causos contados ao pé do fogão à lenha, dos bate-papos nas esquinas sentados na calçada, das conversas das vizinhas debruçadas na janela, do burburinho proveniente dos romeiros do Jubileu, das procissões descendo as ladeiras de pedra sabão.

Assim, a viagem ao imaginário de Congonhas consegue transcender as barreiras do tempo e espaço e se firma na subjetividade dos depoimentos fornecidos pelos moradores. Uma viagem que se realiza através e pelas vivências, das peculiaridades de uma história que ao mesmo tempo em que é individual se entrelaça com a coletividade e constitui a identidade de um povo.

Aqui, fazemos um singelo convite a você, leitor, a se envolver na magia dos contadores de causos, a se embrenhar nos mistérios lendários de nossos ancestrais. Desta forma, juntos, estaremos contribuindo para a revitalização de nossa cultura e garantindo a perpetuação dos causos e lendas existentes em nossa cidade.



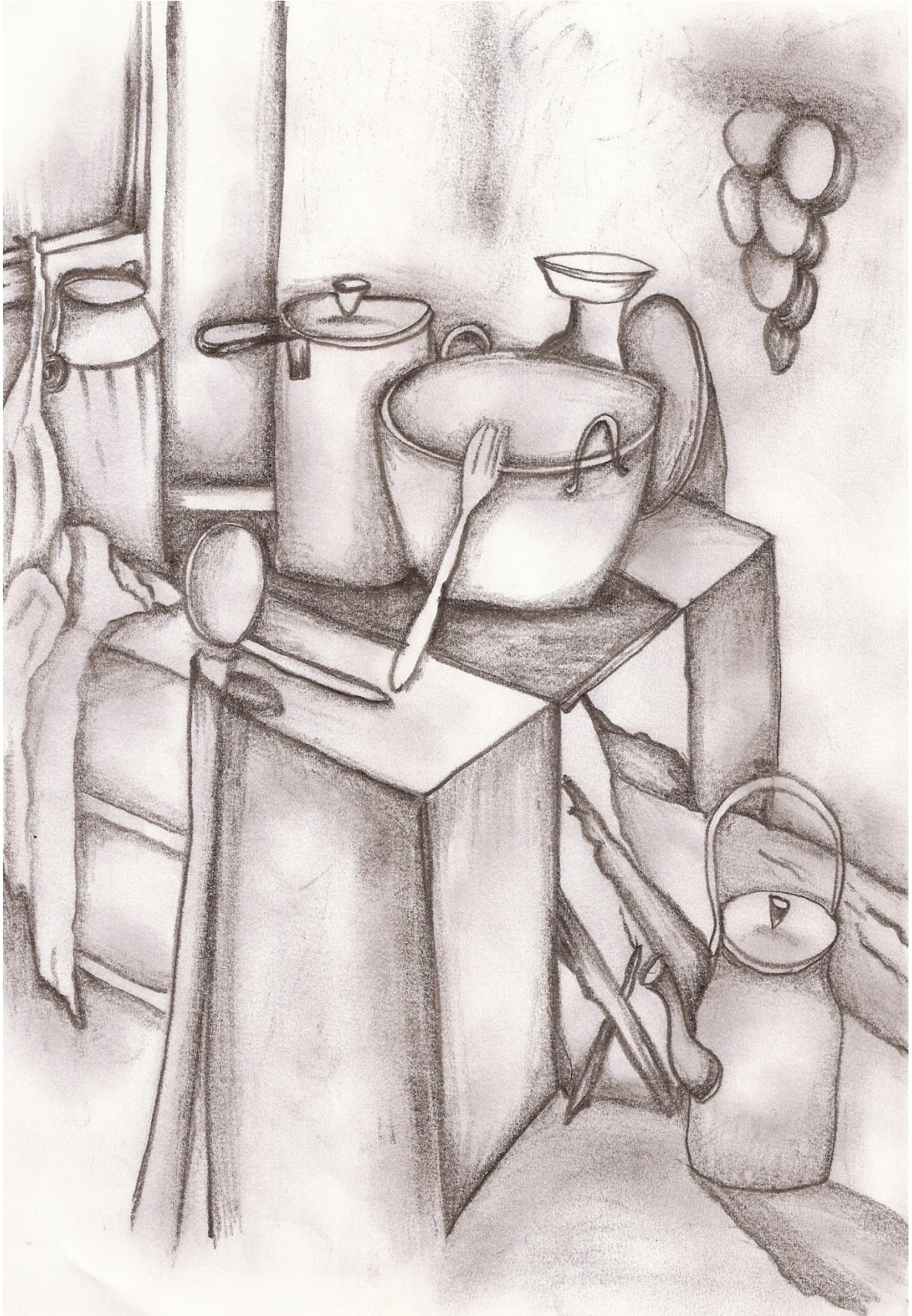
Dona Margarida Rocha Silva, 91 anos e sua filha Marly Terezinha da Silva, moradoras do Bairro Joaquim Murtinho

Depoimento de D. Margarida

“Antigamente tudo era difícil. Agora tá tudo fácil e o povo acha que tá difícil. Tem máquina de lavar roupa, já encontra o café no ponto de por no coador para fazer.”

“Antigamente não tinha televisão, a gente ouvia a novela no rádio. Havia uma novela que se chamava ‘O homem do sapato branco’ que passava todo dia de noite.”

“Logo quando apareceu a primeira televisão aqui no bairro, na casa do meu irmão, lá do outro lado da estação. Aí eu ajeitava a casa mais cedo, arrumava ameninada, era muito menino mesmo, ia pra casa do meu irmão assistir televisão. Lembro que tava passando aquela novela ‘Direito de nascer’. Era a mesma coisa de sair pra ir ao cinema.”





Raimundo Soares, 85 anos, natural e morador da cidade de Congonhas

Mula sem cabeça

Antigamente dizia-se que mulher quando morava ou tinha um caso com padre, tornava-se mula sem cabeça.

Um fato muito conhecido e badalado na cidade era o caso da “Sadonana” que vivia e morava com um padre, residente no bairro Matriz.

Na ocasião da quaresma, depois da meia noite, ouvia-se o ringir dos dentes e os galopes da “Sadonana” nos becos do bairro. Geralmente ela gritava o nome de uma pessoa e saía galopando beco abaixo tal qual um verdadeiro animal quadrúpede.

As pessoas que mais ouviam esses acontecimentos eram aquelas que participavam dos carnavais da cidade, pois ao terminarem já iniciava a quarta-feira de cinzas (período da quaresma). O fenômeno da mula sem cabeça se repetia por várias vezes.





Marta Maria Machado Gomes, nascida e criada no Bairro Basílica em Congonhas.

“Antigamente não tinha energia elétrica, era uma luz antiga e fraca. A cidade era dividida em dois lados: o lado de cá e o lado de lá da ponte. A cada dia, após as 18:00 horas acendia-se um lado da ponte e de 21:30 horas em diante acendia-se os dois lados da cidade. Então as pessoas não ficavam até tarde na rua, tinham medo, era muito escuro. Era um tempo muito bom, não tinha rádio, não tinha televisão, mas as pessoas se reuniam todos os dias para bater papo.”

Procissão das almas

Quando a gente era criança, tinha-se o costume de juntar todo mundo na casa da minha avó. Havia um vizinho, o senhor João Lobo, que para ele era um prazer contar histórias pra meninada. Enquanto a gente ia esperando, minha avó fazia broa de fubá pra servir a todos enquanto ele contava as histórias.

Uma das muitas que ele contava é que havia a procissão das almas. Segundo ele, descia da ladeira da Matriz e atravessava a cidade em direção à Basílica do Senhor Bom Jesus. A procissão vinha silenciosamente, não se ouvia uma palavra, todos vestidos de branco, segurando uma vela acesa em uma das mãos. Não se conseguia ver o rosto de ninguém. Enquanto a procissão ia descendo as velas iam se apagando e depois voltavam a acender. Tudo silenciosamente, num movimento que se repetia por todo o percurso.

Ninguém tinha coragem de olhar a procissão, todos tinham medo.

Um dia, uma certa mulher disse:

- Hoje eu vou olhar. Hoje eu vou esperar.

Assim, quando a procissão passou em frente à sua casa, a mulher abriu uma fresta na janela e espiou. Nesse momento, uma das pessoas que ali estavam passando se aproximou da janela, entregou-lhe uma vela e continuou seu percurso.

Depois que a procissão terminou de passar, a mulher olhou para a vela que estava em suas mãos e descobriu que era um osso referente à perna de um ser humano. A mulher ficou apavorada e nunca mais quis saber de olhar a procissão das almas com medo do que pudesse vir a lhe acontecer.



Lenda do Barão de Congonhas

O senhor João Lobo contava também que todos os dias, à meia noite, ouvia-se um barulho de tropel de cavalo descendo a rua que hoje é denominada Rua Barão de Congonhas, em direção à ponte da cidade. Contava-se a lenda que o tropel era referente ao fantasma do Barão de Congonhas que vinha, todo vestido de preto, montado em um cavalo que possuía apenas três pés.

Então, encabulados com a história, juntou uma turma de rapazes, incluindo o senhor João Lobo, com a intenção de ver o cavalo do Barão passar. Se dirigiram para a ponte da cidade e ali ficaram escondidos, à espera do Barão. Passado um tempo, começaram a ouvir o tropel do cavalo que logo foi se aproximando. Quando o cavalo ia pisar na ponte para que finalmente eles pudessem vê-lo, iniciou-se uma ventania muito forte, levantando uma poeirada e impedindo a visão dos rapazes. Quando o vento cessou, o tropel do cavalo já estava subindo a ladeira de pedra sabão e então eles não conseguiram ver nada.

Dizem que a Rua Barão de Congonhas, localizada no bairro Matriz, tem esse nome em homenagem ao Barão que morava por aquelas redondezas.





Moacir Barbosa, 65 anos, nascido e criado em Congonhas, morador do Bairro Joaquim Murinho

O vizinho do lobisomen

Meu tio Francisco que nasceu e morou em Lobo Leite, contava que naquela época não havia comércio na região. As coisas eram muito difíceis, pois eles tinham que fazer compra em Conselheiro Lafaiete percorrendo todo o trajeto a pé.

Assim, era época de quaresma e meu tio foi fazer compra, em Lafaiete, como de costume. Só que dessa vez, foi acompanhado de um vizinho. Esse homem morava perto de sua casa, com sua esposa e não tinha filhos.

Na volta para casa, já quase anoitecendo, meu tio Francisco notou que, de vez em quando, o amigo dele parava um pouco, esperava e depois continuava a andar. E assim foi por um longo trecho do caminho. Até que as paradas do amigo foram aumentando, aumentando e quando meu tio percebeu o homem já não estava mais por perto. Havia desaparecido.

Tio Francisco resolveu, então, voltar e encontrou apenas o saco de

mantimentos que o amigo carregava, largado no meio da estrada. Procurou, chamou, gritou e nada do amigo aparecer. Perdendo a calma, pegou o saco, colocou-o nas costas e continuou seu caminho. Nesse instante, apareceu um cachorro imenso no meio da escuridão que o foi acompanhando. Meu tio ficou muito apavorado, pois era época de quaresma e foi logo pensando:

- É quaresma, meu vizinho desapareceu e aparece um cachorro grande... Eu acho que esse camarada vira lobisomem!

Tio Francisco apertou o passo para chegar logo em casa. Quando chegou em Lobo Leite, entregou as compras para a esposa do amigo e foi logo dizendo o que tinha acontecido.

Naquela noite nem dormiu direito, preocupado com o fato ocorrido. No outro dia bem cedo, levantou-se e foi até a casa do vizinho. Quando lá chegou teve uma grande surpresa. A casa estava vazia! O homem e sua mulher haviam desaparecido!



O fantasma do Murtinho

Tem um fato muito estranho que acontecia na Rua Professor José Moreira. Contam que, nessa rua, aparecia o vulto de um homem muito alto, vestido de branco e de chapéu. Eu nunca vi. Meu irmão diz que viu.

Numa noite, já altas horas, meu irmão voltava de um botequim com seu amigo. Vinham andando despreocupados, batendo papo. De repente, avistaram, de longe, a figura do tal fantasma que aparecia no bairro.

Seu amigo, apavorado, correu para sua casa que estava mais próxima e meu irmão se viu sozinho com o fantasma.

Nesse momento, começou a correr desesperadamente, passou pelo fantasma e entrou em sua casa, quase morto de medo.



Um caso muito misterioso

Meu tio Francisco morreu com 87 anos e possuía um defeito em uma de suas pernas, pois uma era maior que a outra. Ele contava que quebrou a perna passando pela situação que vou contar agora.

Em um de seus percursos de Conselheiro Lafaiete para Lobo Leite, que fazia a pé, carregando as mercadorias que comprava nas costas, acompanhado apenas de sua cachorra que não lhe abandonava nunca, começou a ouvir um barulho muito estranho. Olhou para os lados para ver o que era, mas como estava muito escuro, não conseguiu ver nada.

Continuou seu caminho e voltou a ouvir novamente o barulho estranho. Parecia o arrastar de um couro seco de animal. Parou e o barulho também parou. E assim continuou. Meu tio parava, o barulho parava também, meu tio andava, o barulho começava.

Num certo ponto do caminho, tio Francisco já perdendo a paciência, parou e mandou o nome da velha. Nesse momento, ele sentiu um forte tapa em seu ouvido que o jogou para dentro de um buraco muito fundo. Lá ficou desacordado. Foi encontrado somente no outro dia por um motorista de caminhão que, ao ver a cachorra de meu tio deitada na beira da estrada, desceu para ver o que estava acontecendo. Assim que o motorista chegou perto, a cachorra correu para o lado do buraco onde estava meu tio e assim o salvou.





Luciomar Sebastião de Jesus, artista plástico e estudioso das obras de "Aleijadinho".

A mulher da trouxa de roupa

Naquela época, sempre reunia um pessoal na casa de meu avô para ouvir suas histórias. Um fato que lembro que ele contava era do tempo que trabalhava na rede ferroviária. Ainda rapaz, reunia com sua turma de trabalho e saía em troles para cumprir as tarefas que lhes eram ordenadas. Então, já de tardezinha, todos resolveram ir embora e meu avô resolveu ficar para terminar o serviço. Assim ele pegou o trole e continuou em direção a um lugar conhecido por “turma”. Era um lugar rodeado por um imenso matagal, sem nenhum morador pelas redondezas, pois Congonhas nos anos de 1930 não possuía desenvolvimento nenhum.

Meu avô ficou ali trabalhando, custou a terminar o serviço e quando terminou já estava realmente escuro, uma verdadeira escuridão. Começou a juntar suas ferramentas para ir embora pois havia o boato de que por aqueles lados havia

assombração.

Já estava iniciando seu caminho de volta para casa quando avistou, ao longe, uma senhora vestida de branco e carregando uma trouxa de roupa na cabeça.

Assim meu avô logo pensou:

- Que bom que não estou sozinho. Vou apertar o passo para fazer companhia para a dona.

Como a senhora estava apenas a uns cinqüenta metros de distância, meu avô começou a andar rápido na tentativa de alcançá-la, pois ela andava normalmente. E quanto mais meu avô andava depressa menos conseguia alcançá-la. Começou, então, a correr e quanto mais corria e ficava cansado, a mulher continuava andando calmamente como se nada tivesse acontecido. Nada da distância diminuir. A mulher estava sempre à frente dele. Meu avô, nesse instante, parou cansado e pensou:

- Isso não é uma pessoa normal, é uma assombração!

Nesse momento a mulher começou a desaparecer na escuridão e meu avô ficou apavorado, suas pernas tremeram e ele saiu correndo, todo borrado de medo.



O lobisomem

Meu avô sempre me contava que tinha um homem que virava lobisomem.

Uma certa vez estava ele em um jogo de cartas, pois gostava de ficar até tarde no carteadado. Envolvido no jogo acabou perdendo a noção do tempo. Então seu compadre, preocupado, lhe falou:

- Cuidado na hora de ir embora para casa! Não se esqueça que é quaresma! Dizem que tem um homem que mora por essas bandas que vira lobisomem!

Meu avô que não tinha medo de nada foi logo respondendo:

- Deixa de ser bobo, compadre. Não tenho medo disso não. Não acredito em lobisomem.

E assim continuaram jogando por mais algumas horas. Quando meu avô levantou-se para ir embora, a dona da casa veio rapidamente em sua direção.

- Compadre, leva esse terço aqui para lhe proteger.

Meu avô foi logo respondendo, cheio de razão.

- Não vou rezar terço não. Não sou homem de muita oração. Eu quero é ir embora para casa.

- Compadre, só tem um jeito de fugir do lobisomem, o terço vai lhe ajudar. Assim que ele chegar perto, você arrebenta o terço e joga as contas no chão. O lobisomem vai ficar doidinho querendo pegar as contas e aí você aproveita pra fugir.

Como meu avô não acreditava de maneira alguma na história contada pela mulher, ela, sem que meu avô visse, colocou o terço em seu bolso antes que ele saísse da casa.

No caminho para casa, já passando perto de um caramanchão, meu avô ouviu o uivado de um cachorro. Parou um pouco para escutar, mas nem se preocupou muito, continuando seu caminho.

De repente apareceu em sua frente o vulto de um cachorro enorme, andando apenas em duas patas, vindo em sua direção. Meu avô, nesse momento, percebeu que era um lobisomem. Começou a tremer apavorado, sem saber o que fazer. Apalpou seu bolso, à procura de algo para enfrentar a fera e

descobriu o terço que sua comadre havia colocado. Pegou-o, arrebitou-o e esparramou as contas pelo chão.

O lobisomem, nesse instante, tirou os olhos de meu avô e começou a catar as contas que estavam no chão.

Meu avô então aproveitou para sair correndo, morrendo de medo da fera. E, por muitos e muitos anos ficou calado, sem coragem de contar a história para ninguém.





Alice Mendes Cordeiro, 77 anos, moradora do bairro Matriz

O homem que virava porco

De primeiro tinha muito dessas histórias de assombração.

Lá na roça, onde gente morava, o avô de meu marido, o Senhor Marçal, tinha uma olaria que eles usavam na fabricação de tijolos.

Todos os dias, quando amanhecia, os tijolos apareciam pisoteados.

Então, em uma certa noite, o Senhor Marçal que não tinha medo de nada e já cansado do estrago em seus tijolos resolveu dar um fim naquela brincadeira.

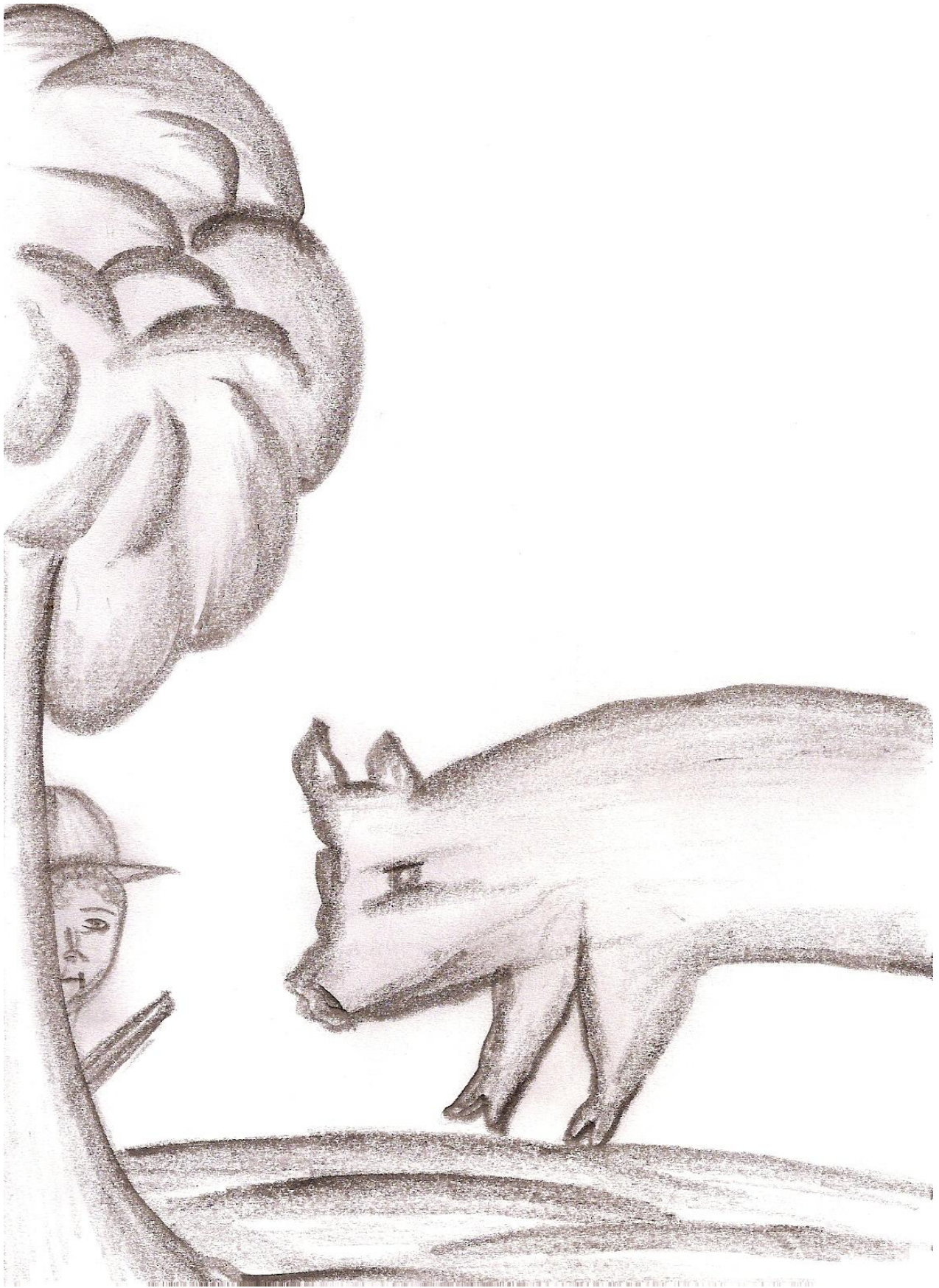
Passou a mão em uma foice e foi ficar escondido, olhando o que ia acontecer.

Logo, logo apareceu um porco muito grande, caminhando na direção dos tijolos.

Senhor Marçal saiu do meio do mato e deu uma foçada no porco que saiu correndo, pingando sangue pra todo lado.

Senhor Marçal resolveu seguir as marcas de sangue, na tentativa de encontrar o animal.

De repente apareceu em sua frente um homem com a perna machucada e então percebeu que era aquele homem que virava porco.



O marido que virava porco

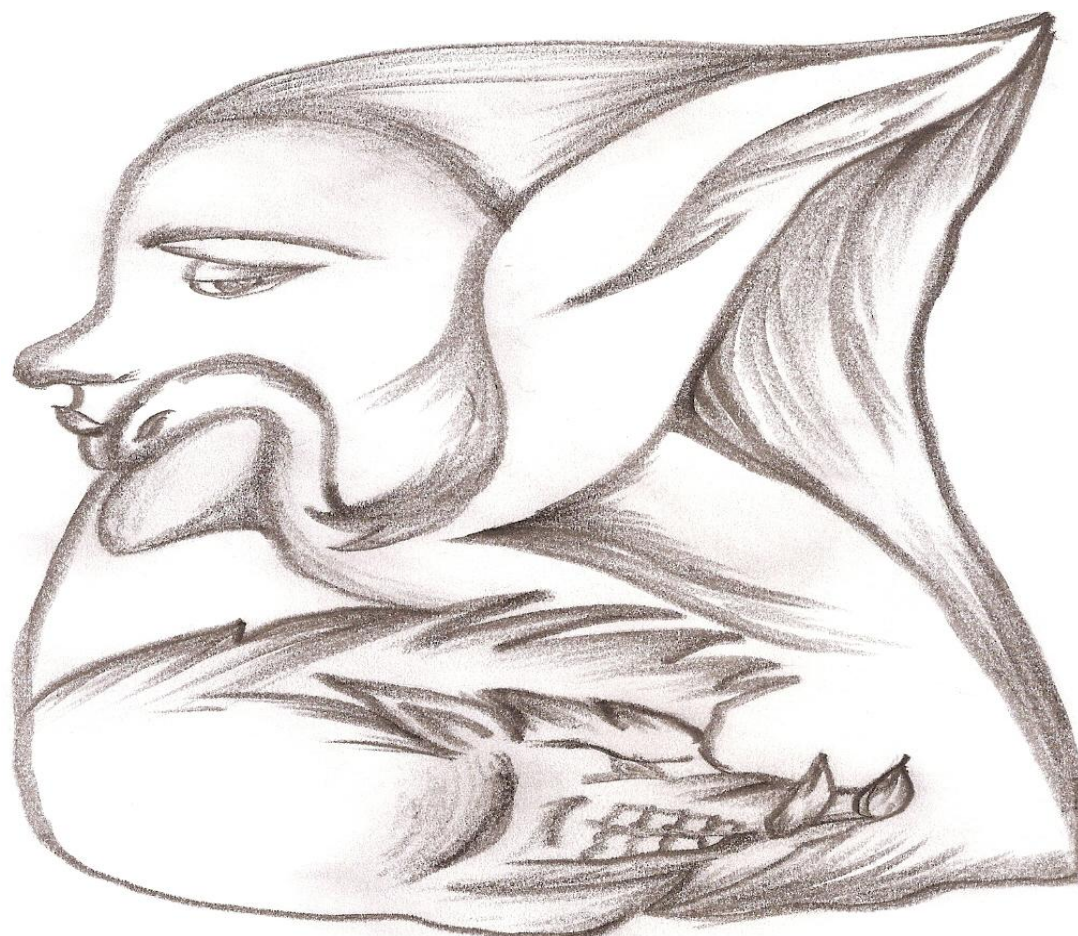
Já era noite, uma senhora estava sentada, na porta de sua casa, com seu filho no colo.

De repente apareceu um animal imenso, que mais parecia um porco, e agarrou-a conseguindo rasgar sua roupa, ficando os fiapos agarrados nos dentes da fera.

A mulher correu assustada para dentro de sua casa, carregando seu filho nos braços.

Mais tarde seu marido chega em casa, mas como a mulher já estava dormindo, não lhe contou nada.

No outro dia bem cedo, ao acordar, a mulher foi contar para seu marido o que havia lhe acontecido. Quando olhou para ele percebeu que ele tinha, agarrados em seus dentes, os fiapos de sua roupa, rasgada no dia anterior. A mulher, nesse momento, percebeu que havia sido seu marido a lhe atacar.





José Venceslau Cordeiro, 83 anos, morador do bairro Matriz

“Antigamente, a gente tinha o costume de reunir as pessoas e cada dia ia pra casa de um pra contar história.”

O pote de ouro

Antes, contava-se a lenda de que na fazenda onde a gente morava havia um pote de ouro enterrado. Nessa mesma fazenda trabalhava um homem, o senhor “Tozinho” que fez um trato com minha mãe. Os dois fizeram a combinação de quem morresse primeiro voltaria para contar onde estava enterrado o tal pote de ouro.

Dizem que o senhor “Tozinho” sofria de asma e por onde passava, as pessoas ao redor ouviam um forte chiado proveniente de seu esforço para respirar. Com grandes problemas de saúde, então, senhor “Tozinho” morreu.

Meses depois, minha mãe estava costurando e pediu pra minha irmã Arlete, que era a mais velha, tomar conta dos irmãos mais novos para ela poder fazer

o serviço mais sossegada.

A meninada foi brincar perto de um paiolzinho velho que havia na fazenda. De repente Arlete ouviu um forte chiado que vinha da direção do paiol. Quando resolveu olhar, viu o senhor “Toizinho” parado na porta. Arlete levou o maior susto e saiu correndo, gritando, arrastando os meninos. Foi aquela algazarra. Minha mãe, ao ouvir a barulheira, veio correndo, mas não viu nada.

Nessa época minha mãe morava sozinha na fazenda com as crianças pequenas, pois os tempos eram difíceis e meu pai trabalhava em uma carvoaria, na cidade de Caratinga. Ela ficou, dessa forma, com muito medo da visão que minha irmã havia tido. Lembro que estava eu e meu pai na carvoaria, quando ficamos sabendo do ocorrido viemos ver o que estava acontecendo, como não vimos nada, voltamos pro trabalho.

O tempo foi passando, a gente já não lembrava mais do assunto. Um certa noite, estava lá na carvoaria com meu pai, em um ranchinho de palha. Eu, secando um feijão no fogão de lenha e meu pai, deitado na cama. Quando olhei pro lado dei um grito e caí pra trás.

Meu pai veio correndo:

- O que é menino?

- É o senhor “Toizinho”. Ele tá aqui! – Respondi para meu pai.

Comecei a chorar, dizendo que não ficaria mais naquele lugar de jeito nenhum.

Peguei um cobertozinho de São Vicente, dobrei, coloquei na cabeça e saímos.

Logo pensei:

- Agora tá danado! Atrás eu não vou, na frente também não.

Assim, saímos nós, um do lado do outro, pois havia uma estradinha boa, usada para carro de boi. Chegamos a uma vendinha e o dono veio logo dizendo:

-Que milagre vê oceis por aqui numa hora dessa!

- Não é novidade não. É que nois tava meio sem destino, sem nada pra fazer e resolvemo vim. - Disse meu pai.

Ficamos na vendinha por um tempo, batendo papo com os colegas e só voltamos para casa quando meu pai convenceu um amigo seu a ir passar a noite no rancho conosco.

Depois desses acontecimentos, a criançada da fazenda começou a ficar com muito medo. Não dormiam mais sozinhos. Juntava aquele monte de gente e ia dormir com minha mãe, em seu quarto.

Em uma certa noite, todos já estavam deitados, minha mãe começou a ouvir o chiado do velho “Toizinho”. Arlete também escutou e, em vez de ficar calada, começou a gritar:

-Mamãe, mamãe, Seu “Toizinho” ta aqui!

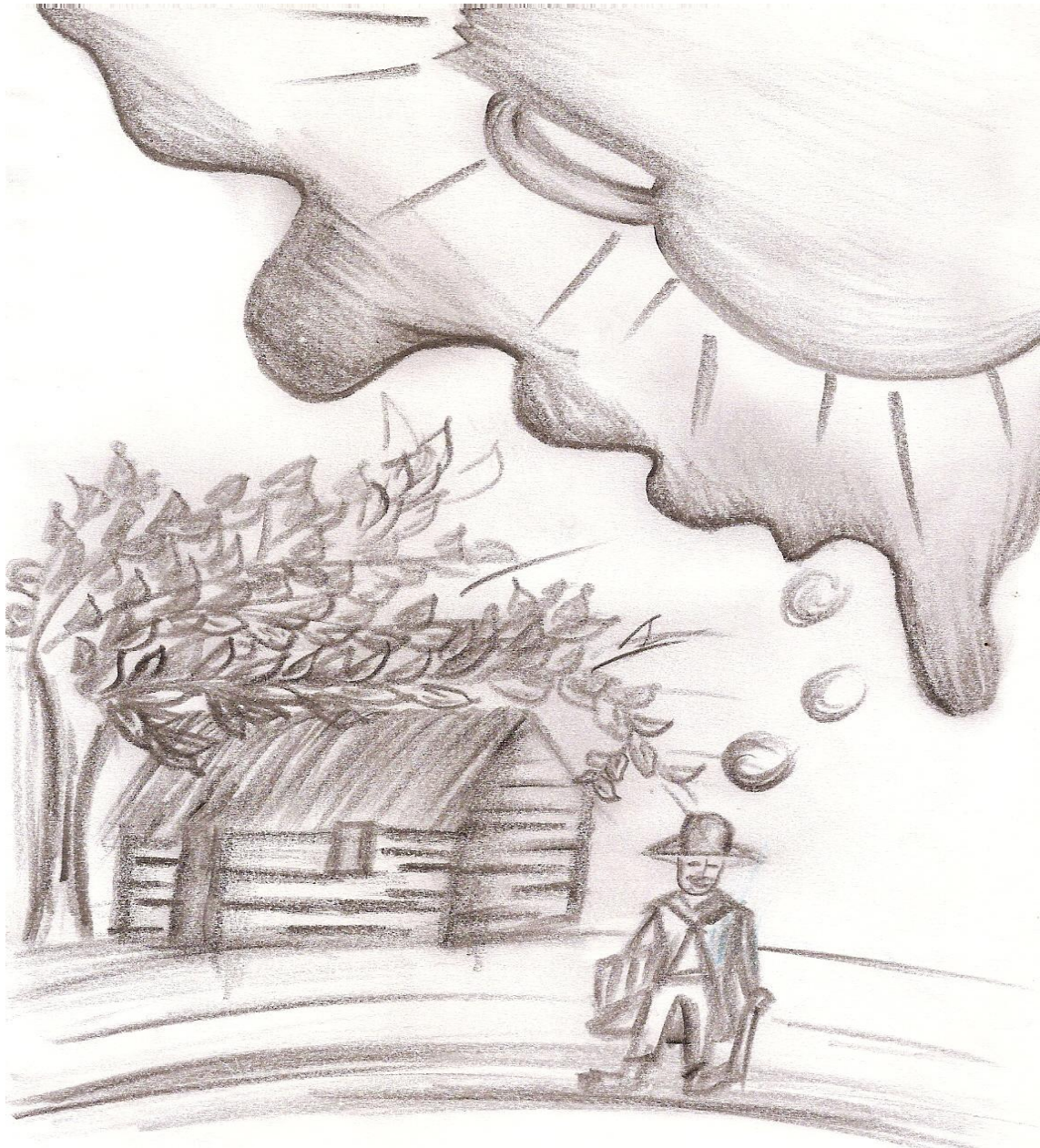
O velho, nesse momento, falou:

-Com essa, intera a terceira vez que eu volto. Já vim três veiz. Agora num vorto mais.

Como as crianças estavam apavoradas, minha mãe disse pra ele:

-Então volta pro seu lugar. Vai descansar.

E assim, nunca mais o senhor “Toizinho” apareceu. E ninguém, até hoje, sabe onde está enterrado o pote de ouro.



Beco das padiolas

Naquele tempo, o povo vinha da roça, trazendo os defuntos. Eles os transportavam em padiolas. Dessa forma, assim que entregavam os corpos no cemitério para o devido enterro, jogavam os paus da padiola em um beco. Esse lugar, então, ficava repleto de padiolas.

Tal beco é localizado atrás de onde se encontra, hoje, a escola Engenheiro Oscar Weinschenck.

Dizem os antigos que o lugar ficou assombrado. Quem se aventurasse a passar por ali, em altas horas da noite, via vultos, ouvia vozes ou coisa parecida.



O homem que não tinha medo de assombração

Meu avô, o senhor Marçal, carregava assombração na garupa do cavalo. Não tinha medo de nada. Nos caminhos para casa, em altas horas da noite, sentia quando a assombração montava na garupa de seu cavalo, pois esse arriava. Quando chegava em casa, pedia pra sua mulher uma peneira e uma vela, rezava uma oração pro bicho ir embora. Naquele tempo aparecia muita coisa ruim.

Dizem que na casa desse meu avô, localizada em uma fazenda, a certa hora da noite, ouvia-se o forte gemido de uma pessoa. Ninguém conseguia ver quem era.

Meu avô, como era muito destemido, nem ligava. Ia logo perguntando para a assombração:

-Quem é? O que ocê quer?

Uma voz, vinda não sei de onde, logo respondia:

-Manda celebrar uma missa pra mim, na igreja do Rosário, que eu tô penando.

-Se for só isso, pode ir embora que eu vou mandar celebrar a missa. - Dizia meu avô. E, após a missa, nunca mais ouviram o gemido.





Edson Geraldo Ferreira, 47 anos, cineasta e morador de Congonhas há trinta anos.

“Projetos que resgatam e perpetuam a memória da cultura e do patrimônio é o objetivo de nosso trabalho, pois assim contribuímos de forma relevante para a educação do nosso povo, para a formação de nossa sociedade. E assim instigar outros a buscar caminhos semelhantes ou distintos que tenham o mesmo objetivo: manter viva nossa memória, com respeito às culturas, raízes e tradições. O patrimônio cultural é a única herança que temos do passado e a única herança que transmitiremos para as futuras gerações.”

A árvore do óleo

Dizem que há muito tempo atrás, nos tempos ainda da escravidão, três escravos de uma fazenda aqui das redondezas roubaram seu Sinhozinho e esconderam todo o ouro roubado aos pés de uma árvore do óleo, localizada no bairro Alvorada.

As pessoas contam que até hoje temem o lugar, pois quem se atreve a aproximar da referida árvore passa por sérios apuros. Inicia-se uma ventania muito forte, causando imenso barulho, com sons de uivos. Contam que tal fenômeno acontece devido aos espíritos dos escravos que ficam ao redor da árvore, protegendo o tesouro de curiosos aventureiros.

O interessante é que, sendo verdade ou não, há indícios de presença de trabalho escravo no local onde a tal árvore se encontra.

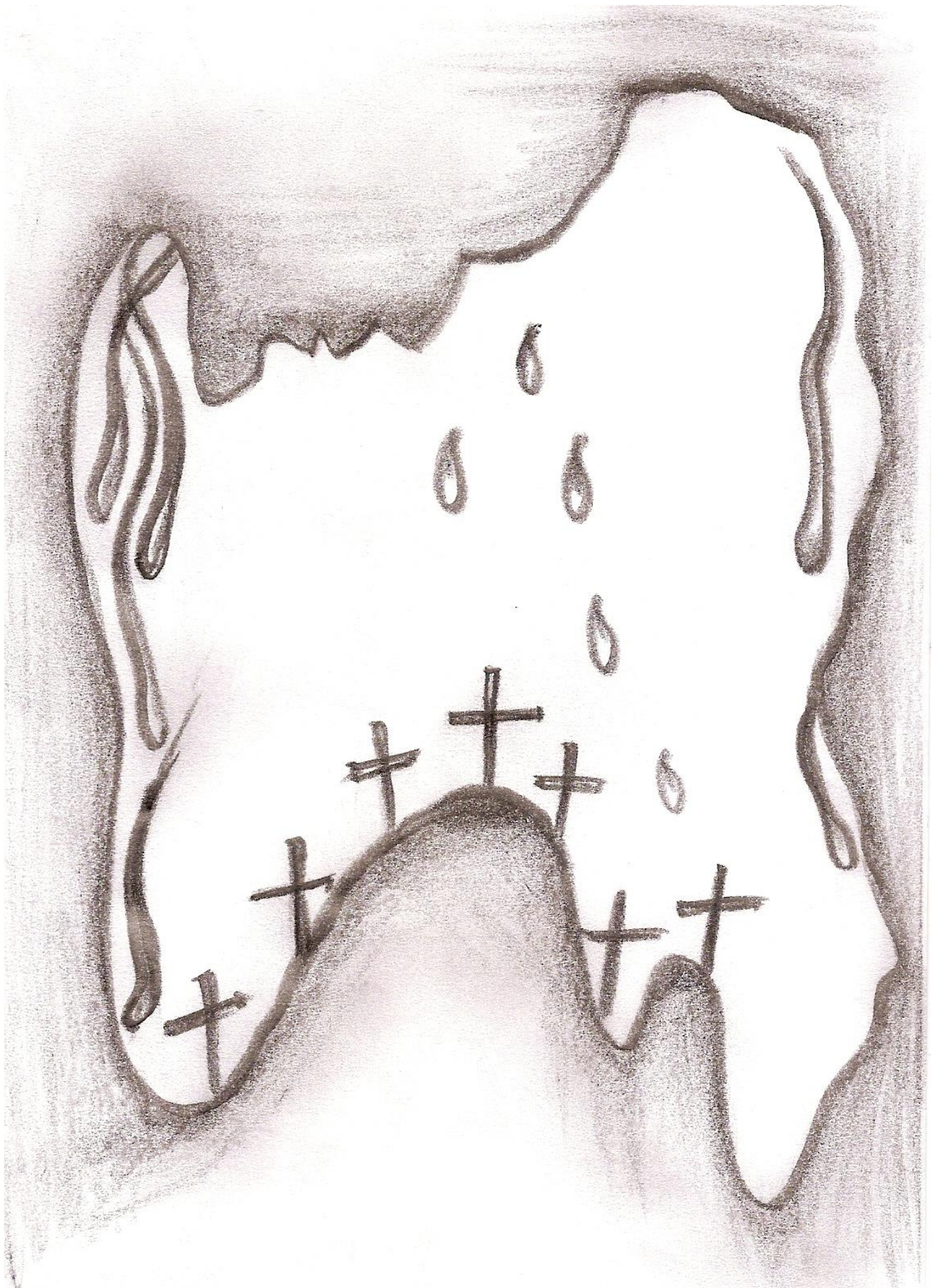




As cruzes dos ciganos

Quem passa pelas localidades do Barnabé, já pela estrada, pode avistar sete cruzes fincadas na beirada do caminho. Conforme dizem os antigos, essas cruzes foram ali colocadas para lembrar um grupo de ciganos assassinados, não se sabe bem quando, por um fazendeiro local.

O estranho caso das cruzes dos ciganos, como ficaram conhecidas, desperta logo a atenção das pessoas que por ali passam. Dizem que uma jovem teria se encantado por um cigano pertencente a um grupo que foi acampar na fazenda de seu pai. Sem titubear, pulou na garupa do cavalo dele para fugir. O fazendeiro ao ficar sabendo do sumiço da menina, não deu trégua aos furtivos. Armou uma emboscada, juntamente com seus capangas, matando todo o grupo de ciganos. Ao ver a cena sangrenta, a jovem ainda suplicou por compaixão, mas seu pai não lhe ouviu. Dizem que o lugar ficou mal assombrado e, se em altas horas da noite, alguém passar por ali verá o vulto dos ciganos.



4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS

ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (Orgs). Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20/12/1996.

CHAUÍ, M. Convite à filosofia. 13 ed. São Paulo: Ática. 2005.

GADOTTI, M. Diversidade cultural e educação para todos. Rio de Janeiro: Graal, 1992

ORIÁ, R. O negro na historiografia didática: imagens, identidades e representações. Textos de História, Brasília, DF, v. 4, n. 2, 1996.

ORIÁ, R. Educação, cidadania e diversidade cultural. Revista Humanidades, Brasília, DF, n. 24, 1997.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. Por parte de pai. Belo Horizonte: Policrom. 1995.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WERNECK, Gustavo. Aos pés da Santa Cruz. Estado de Minas, Belo Horizonte, 04 mai. 2012. Gerais, p. 25.